



Choupana japoneza

Desde que os Europeus e Americanos do Norte estão em contacto mais immediato e seguido com o imperio do Japão; desde que esse povo começa a sahir do mysterio que o envolvia em nuvens aos olhos da civilisação: torna-se interessante o conhecimento de tudo o que diz respeito áquella notavel região do extremo oriente.

Na estampa que hoje offerecemos aos nossos leitores vê-se uma choupana do Japão. Afóra a perspectiva agradavel que nos offerece a mais linda paisagem, descobre-se com prazer uma bella disposição dos objectos, um muito aprecia-vel espirito de ordem da parte do homem no meio das scenas da natureza, — e, finalmente, encontramos logo ao primeiro intuito os indicios reveladores de que estamos em presença de um paiz não barbaro, de um povo civilisado.

O largo caminho, bordado de arvores, formando uma bella alameda, que vemos no centro da estampa, — a mui regular disposição da cultura dos campos, o gracioso do arvoredado, a elegancia da fórma da choupana... tudo encanta neste quadro, que parece não ter inveja ao que de bello nos apresenta neste genero a Inglaterra.

Certamente a civilisação dos Japonezes é muito *sui generis*, e inteiramente diversa da dos Europeus; mas as relações, que de dia para dia estreitam estes com aquelles, hão de produzir uma revolução salutar, e pouco a pouco estabe-

lecer uma certa uniformidade de usos, costumes, opiniões e habitos, assaz-poderosos para acabarem com o que ainda nos repugna n'aquelles povos.

Em todo caso, o que os modernos viajantes, testemunhas oculares, nos contam da cultura dos campos do Japão, das casas de campo, da vida dos cultivadores, da belleza das perspectivas, da ordem, elegancia, bom gosto e admiravel accio dos Japonezes... está tudo em harmonia com as impressões agradaveis que esta estampa nos deixa.

O PRINCIPE EUGENIO DE BEAUHARNAIS

e as memorias que lhe são relativas.

... *ab auditione mala non time'it.*

Ps. CXI 7.

XV

Depois que o principe Eugénio proferio o bellissimo discurso que deixámos transcripto no artigo antecedente, foi o projecto de senatus-consulta sobre o divórcio do Imperador e Imperatriz remettido a uma commissão especial. Deu esta immediatamente o seu parecer de cabal approvação, e desde logo ficou o projecto convertido no seguinte senatus-consulta:

— Art. 1.º Fica dissolvido o casamento contraído entre o Imperador Napoleão e a Imperatriz Josephina.

— Art. 2.º A Imperatriz Josephina conservará o título e a dignidade de Imperatriz-Rainha coroada.

— Art. 3.º É fixada a sua pensão na renda annual de dois milhões de francos sobre o thesouro do Estado.

— Art. 4.º Todas as disposições que houverem de ser tomadas pelo Imperador, em beneficio da Imperatriz Josephina, nos fundos da lista civil, serão obrigatorias para os seus successores.

— Art. 5.º O presente senatus-consulto será transmittido, por meio de mensagem, a S. M. a Imperatriz-Rainha. =

— Consummado que foi o sacrificio, e n'esse mesmo dia, escreveu o principe Eugénio á vice-rainha, sua esposa, a seguinte carta:

— Não me foi possível escrever-te hontem, minha bôa Augusta, porque estive com o Imperador até á meia noute. — Está finalmente concluida desde hontem á tarde a separação entre o Imperador e minha mãe, — separação de que o publico se occupa ha tanto tempo. Houve nas Tuilherias uma assembléa de familia, no seio da qual expôz o Imperador as rasões que exigiam se separasse de sua esposa, e tornavam forçoso aquelle sacrificio. A Imperatriz respondeu nobremente, com dignidade; mas com uma tocante sensibilidade. O archi-chancellor lavrou a acta da sessão, que nós todos assignámos; e depois d'isso houve um conselho privado, em que se leu o projecto de senatus-consulto. Fui esta manhã assistir á sessão do Senado, e ali, como desejou o Imperador, exprimi os sentimentos que animavam a minha familia n'esta conjunctura. Correu tudo socegadamente; e a Imperatriz desenvolveu a maior coragem, a maior resignação. Amanhã, ou depois de amanhã serão publicados nos jornaes todos os documentos, e ahi os verás tu. O Imperador vae a Trianon, a Imperatriz a Malmaison, e eu vou partir agora mesmo para ir ter com elle. Adeus, minha cara Augusta; amo-te, bem como aos nossos filhos, além de tudo quanto pôde dizer-se. O rei e a rainha de Baviéra chegam nã quinta feira proxima. Hão de habitar no hotel que ora occupã, e eu vou habitar n'um pequeno quarto das Tuilherias. Creio que passarei ainda alguns dias com SS. MM. — Envia-te recados a Imperatriz e minha irmã. =

Precisamente á hora em que o principe Eugénio escrevia esta carta a sua esposa, escrevia esta a nobre missiva que vamos lêr, endereçada a seu esposo:

— Estou completamente resignada, e conforme com a vontade de Deus. A tua grandeza d'alma poderá causar espanto a muitos; mas não a tua esposa, que te ama cada vez mais. Heide provar, meu caro Eugénio, que não tenho menos coragem e magnanimidade, do que tu, com quanto eu estivesse muito longe de esperar acontecimentos tão tristes, e maiormente n'esta occasião. Tuas filhas passam bem: Deus sabe qual futuro as aguarda! — Adeus esposo incomparavel! Tem a certeza de que o meu unico desejo é fazer o que te fôr mais agradavel, e dar-te provas da minha ternura, que só acabará com a vida da tua fiel esposa. =

O principe Eugénio não quiz deixar sua mãe na occasião melindrosa e triste, em que ella tinha indispensavel necessidade dos carinhos e consolações, que um bom filho é capaz de proporcionar em lances taes. Ao lado d'este excellente filho estava tambem Hortensia, nobre filha da Imperatriz, — ambos déram provas, não só de mui louvavel ternura filial, senão tambem de coragem, de abnegação, de magnanimidade: preciosissimo serviço, que á Imperatriz era indispensavel nos dias em que a adversidade a visitava tão dolorosamente!

Recolhâmos ainda mais um testemunho da elevação d'alma do principe Eugénio. No dia 17 de dezembro escrevia elle a sua esposa esta carta:

— Estamos em Malmaison desde hontem á tarde, minha querida Augusta. Se o tempo estivesse bom, teriamos passado um dia menos triste; mas, desgraçadamente tem estado sempre a chover. A Imperatriz passa bem. Esta manhã experimentou uma dôr mui viva, ao tornar a ver os logares onde por tanto tempo habitára em companhia do Imperador; mas por fim recobrou coragem, e resignou-se com a sua nova posição. Creio firmemente que hade vir a ser mais feliz e a estar mais tranquilla. Tivemos esta manhã algumas visitas. Dizem-nos que em Paris não se falla senão da nossa coragem, e da resignação de minha mãe. Bem loucos seriam os que acreditassem que eu tenho pena de perder algum favor ou elevação; espero, pelo modo porque tomei as cousas, convencer — ainda os mais incrédulos — de que sou superior a tudo isso. Não te occultarei que uma só inquietação me dominou, e era o pensar que este acontecimento poderia causar-te desgosto... Mas, felizmente, são tantas as vezes que hei tido occasião de apreciar o teu excellente character, que me é grato crer, que hasde ser a primeira a concordar comigo. Provavelmente terás visto todos os documentos no *Monitor*. Espero chegar em breve a Milão, e lá me dirás francamente o teu modo de pensar. =

— Devo crer que aos leitores terá agradado a leitura da correspondencia que havemos transcrito, embora perdêsse ella algum brilho na minha traducção.

Trata-se, é verdade, de um acontecimento essencialmente politico; mas nem por isso deixa de interessar ao coração humano a noticia do modo porque se houveram os personagens, a quem elle tão de perto dizia respeito.

Os documentos officiaes, em casos de tal gravidade, dizem sómente o que ás conveniencias politicas faz conta. Os personagens que entram em scena têm que representar um papel diante do publico, — um papel d'antemão convencido, que pôde tornar indispensavel o esforço, a dissimulação, o fingimento. Nas confidencias intimas, porém, que dois esposos amigos trocam entre si, em cartas não destinadas á publicidade, estamos certos de encontrar a expressão ingénu da verdade.

Nas cartas que acabamos de lêr vemos pintada ao natural a disposição do animo da Imperatriz Josephina, de seu filho, e da esposa d'este ultimo.

Emquanto á Imperatriz Josephina, transluz n'essas cartas a magoa, talvez o despeito da mulher ferida no seu amor próprio, nos sentimentos de ternura conjugal; brilha o amor de mãe, á hora

em que, descendo Josephina da alta esphera em que girava, quer ao menos que seu filho continue a subir; e, finalmente, apparece o coração humano, tal como é, quando Josephina chora, prantêia e se amargura ao entrar no palacio onde vivêra no esplendor da grandeza, ou antes na doçura da intimidade, na companhia de Napoleão, que agora se separa da consorte, e para sempre!

No que respeita ao principe Eugénio e a sua esposa, consola o ver em ambos uma coragem, uma grandeza d'alma, tanto mais apreciaveis, quanto o fatal acontecimento fazia adivinhar, pela natureza das cousas, uma diminuição de lustre, de poder, de gloria nos seus destinos futuros.

O que, porém, mais que tudo me captiva, é encontrar na pessoa de Augusta, filha de um Rei, o typo da verdadeira magnanimidade, da mais nobre abnegação... Era sobre a sua cabeça, que o deploravel divorcio descarregava mais profundo golpe, como é fácil de perceber; mas a mulher varonil, a mulher forte concentra no amor de seu marido todos os affectos, deslembra-se de si, conforma-se com a sua sorte, e encara serenamente o futuro, desde que vê tranquillo e nobremente resignado o homem — a quem a prendiam tão estreitos laços!

— É de justiça declarar que Napoleão dedicou ainda depois do enlace com a filha dos Cezares, sentida afeição ao principe Eugénio.

Um só documento fornecerei agora aos leitores, e é a mensagem ao Senado, na qual annuncia Napoleão a mercê que fazia a Eugénio da concessão hereditária do Grão Ducado de Francfort:

— É grato ao nosso coração (dizia o Imperador) aproveitar esta oportunidade para dar um novo testemunho da nossa estima e da nossa terna amisade a um principe moço, do qual temos guiado os primeiros passos na carreira da governação e das armas, — a um principe, que, no meio de tão diversas circumstancias, jámais nos deu o menor motivo de descontentamento, — antes, pelo contrario, nos auxiliou com uma prudencia muito superior á sua idade, e n'estes ultimos tempos, á frente dos nossos exercitos, deu tantas provas de bravura, quantas de conhecimento da arte de guerra. Era pois de razão fixal-o de um modo estavel no elevado posto em que o collocámos.

«Não obstante a sua exaltação ao Grão Ducado de Francfort, nem por isso serão os nossos povos da Italia privados da sollicitude da sua administração; a nossa confiança no principe será tão constante, como os sentimentos que elle nos consagra.»

E com effeito, continuou o Principe Eugénio a ser Vice-Rei da Italia, e n'este brilhante posto permaneceu até ao momento, em que terminou — pela força dos acontecimentos — a sua carreira politica militar, — com a interrupção de alguns periodos de tempo, nos quaes foi chamado a coadjuvar, como general, os designios do Imperador.

— JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

PROVERBIOS

Um bom rei vive com os seus subditos, como um pae com os seus filhos.

O sabio tem a bocca no coração.

NICOLÃO MACHIAVEL

Estudo litterario, moral e politico

Questo è il gran segretario fiorentino, Niccolò Machiavelli, un uomo dei più grandi che l'Italia, tanto ferace di sublimi ingegni, abbia mai prodotti.

PIGNOTTI.

(Continuado de pag. 356)

XVII

Nos despachos relativos á missão diplomatica (*Legazione*) de Machiavel ao Papa Julio 2.^o, pinta o secretario Florentino admiravelmente a altivez e sobranceira d'aquelle Pontifice famoso.

Como exemplo, citarêmos a audiencia que tiveram de Julio 2.^o os Oradores de Bolonha, e os termos asperos e duros da resposta que receberam.

— Esta manhã (diz Machiavel no seu despacho de 3 de Outubro de 1506, escripto de Cesena), esta manhã foram apresentados a Sua Santidade os Oradores de Bolonha. Em uma estirada oração demonstraram que o povo de Bolonha era obediente e submisso á Igreja; allegaram diversos Capitulos celebrados com diversos Papas e por este confirmados; e a final fizeram sentir o procedimento politico dos Bolonhezes, e o quanto observaram religiosamente as leis. — Respondeu-lhes o Papa, que se aquelle povo se mostrava devoto da Igreja, nada mais fazia do que cumprir o seu dever, pois que tinha obrigação de assim proceder, e a Igreja era um tão bom Senhor, como elle era um bom Servo. Resolvêra vir em pessoa libertar o povo de Bolonha dos seus tiranos; e em quanto aos Capitulos, não consideraria, nem o que fizeram os outros Papas, nem o que elle próprio havia feito, pois que os outros Papas e elle mesmo não tinham podido haver-se de outro modo, e foram forçados pela necessidade a confirmar esses capitulos; era, porém, chegada a occasião de os corrigir; e se elle, Julio Segundo, os não corrigisse, não saberia como desculpar-se perante Deos. Taes eram os seus intentos; queria contribuir para que Bolonha visse bem; ia passar áquella cidade, e se o que visse lhe agradasse, confirmá-lo-hia, e se não, operaria as mudanças convenientes. Para poder assim obrar á força de armas, quando não bastassem outros meios, se preparava com forças taes, que não só fariam tremêr Bolonha, mas até a Italia toda... «Os Oradores ficaram confusos e enleados, — e sem proferirem muitas palavras se retiraram.»

Propondo-nos a habilitar os leitores para julgarem, per si próprios, do merecimento litterario de Machiavel, reproduzirêmos aqui o original interessante desta passagem, que tão imperfeitamente romanceámos:

— Questa mattina dipoi entrorno no a Sua Santità, e con una lunga orazione mostrorno l'osservanza e servitù del Popolo Bolognese verso della chiesa, allegorno i Capitoli fatti con piu Papi, e da questo confermati, e mostrorno in ultimo il politico vivere di quella città, e con quanta religione e osservanza di legge. Rispose il Papa, che se quel Popolo era devoto verso la Chiesa, che faceva il debito suo, perchè egli era obbligo e perchè la Chiesa era così buon Signore com, egli buon Servo. Si moveva ad esseri in persona a liberarlo dai tiranni, e circa i Capitoli non entrava nè in quello avevan fatto li attri Papi, nè in quello avea fatto egli, perchè li attri Papi

ed egli non avevano potuto fare altro, e la necessità e non la volontà le aveva fatti confermare: ma venuto il tempo che può ricorreggerli, gli parebbe quando non lo facesse, non ne poter fare alcuna scusa appresso Dio; e per questo si era mosso, e il fine suo era fare che Bologna vivessi bene, como è dicono, e per questo volersi in persona transferire in quella città, e se quel modo di vivere che la tiene gli piacesse, lo conformerebbe; se non gli piacesse, lo muterebbe: e per poter farlo con l'armi quando li altri modi non bastassino, si era preparate forze di qualita da far tremare Italia, non che Bologna. Restorno detti Oratori confusi e senza replicare molte parole si partirno. —

Se ainda isto não dá idéia da arrogancia e desmedido orgulho de Julio 2.^o, deixemos fallar Machiavel, em um despacho dirigido á Senhoria de Florença, em data de 10 de Outubro do citado anno de 1506.

Acabára de celebrar-se um Consistorio, no qual se resolvêra expedir uma Bulla contra Messer Giovanni e seus sequazes, declarando-os rebeldes á Igreja, e concedendo indulgencia plenária a quem os matasse (*data Indulgentia Plenaria a chi fa lore contro e a chi li ammazza!*)

Depois de tomada esta *santa* deliberação chamou Julio 2.^o á sua presença Messer Jacopo, secretario de Messer Giovanni, e lhe disse, diante mesmo do sacro Collégio, que o seu procedimento na sua missão merecia grande castigo, por ter elle entretido a obstinação e contumácia de Messer Giovanni e do povo de Bolonha contra a Santa Sé; e que, a não desejar elle Julio 2.^o evitar a mancha dos privilégios de uma pessoa pública, o trataria bem severamente; — por isso se contentava com mandal-o sahir immediatamente das terras da Igreja... e tivesse muito euidado em não tornar a cabir-lhe nas mãos. O secretario pediu vénia para replicar: foi lhe recusada; e apressado voltou para Bolonha.

— ...e concluse, e fatti tali deliberazioni, fu chiamato un Messer Jacopo Segretario di Messer Giovanni, il quale è stato con l'Oratore vecchio in Corte continuamente poi che io fui qui con il Papa; e dettogli dal Papa, presente il Collegio, come i suoi tristi portamenti nella sua commissione aveano meritato punizione grande, avendo egli con ogni industria inanimito Messer Giovanni e quel Popolo a stare ostinato e contumace a Santa Chiesa, e che se non fussi che non voleva mutare natura, nè maculare i privilegi d'una persona pubblica, lo farebbe il piu triste uomo fussi al mondo; ma per seguire l'ordine suo, gli voleva solo comandare che subito sgomberassi le Terre della Chiesa, e si guardassi di non gli capitare piu nelle mani. Chiese il Segretario di replicare, e non gli fu concesso, e così se ne andò subito verso Bologna. —

Este ultimo traço é de mão de mestre. O secretario, tão vehemente maltratado pelo Pontifice, pede licença para dizer em sua defeza algumas palavras... e um Soberano Pontifice, que devêra sér o symbolo da mansidão, da bondade e da justiça... néga essa licença, — e o infeliz accusado só tem o refugio de fugir apressado á sanha do seu perseguidor!

— As pessoas que lêrem attentamente os despachos de Machiavel nas diversas Côrtes onde representava a República de Florença, hão de re-

conhecer a diligencia com que aquelle grande homem procurava informar seguramente o seu Governo, — a finura e alta capacidade com que se havia em obter noticias e esclarecimentos que interessavam á sua patria, — a lealdade e vivo interesse, com que se consagrava ao desempenho de suas melindrosas e difficeis missões. — o tacto, verdadeiramente politico e diplomático, que presidia ás suas relações com os personagens, perante quem estava acreditado.

Não escapará tão pouco a essas pessoas o notar a lucidez de expressão dos despachos de Machiavel, e a propriedade do estilo em assumptos de tal ordem.

Ha, de vez em quando, nesses despachos uma singeleza de dizer, que encanta, maiormente nas expressões de saudação que dirige ao seu Governo. — taes como a seguinte:

Né io ho che scriverè attro a Vostre Signorie, salvo che raccomandarmi a quelle, que felices vellent. (Não tenho mais que escrever, que não seja o recommendar-me á lembrança de v.^{as} s.^{as}, a quem desejo feliz saúde).

— Uma impressão desagradavel receberão, por outro lado, ao vêrem os tristissimos apuros em que o representante de uma república se achava por vezes, em razão da falta de recursos pecuniários. Torna-se infinitamente doloroso o espectáculo de um diplomata, a quem o seu Governo manda de vez em quando, avaro e mesquinho, uns poucos de *ducados*, que mal chégam para o sustento de um homem em taes circumstancias:

— Magnifici Signori, egli é piu di che io fui in gran necessità di danari. Non gli ho domandati perché io credevo ogni di avermene a tornare: ma veggendo la cosa andare in lungo, supplico alle Signorie Vostre sieno contente per loro umanità provredermi e di nuovo aquelle mi *racommando*. —

— Magnificos Senhores! Ha já muitos dias que experimento grande falta de dinheiro: não o pedi, por que esperava a toda a hora voltar a Florença; mas agora que vejo protrahir-se a minha estada, supplico a Vossas Senhorias que me accudam, por sua humanidade, com algum soccorro. De novo me recommendo a Vossas Senhorias. —

Podéramos citar um grande número de passagens, desta natureza, dos despachos de Machiavel; mas não o faremos, por sér desagradavel o assumpto, e bastar a precedente indicação para chamar a attenção dos que lêrem as obras do Secretário Florentino.

— Não iremos hoje mais por diante.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

MARGENS DO RHENO

De Mayence a Coblentz o Rheno divide-se e alarga-se quasi a cada meia legua em espacosas bacias. O viajante, encerrado entre as vastas montanhas que o cercam, procura em vão uma enseada por onde sair, mas quasi sempre a encontra do lado opposto em que a procura, por isso as viagens do Rheno são mui surprehentes e variadas.

O Rheno tem a sua nascente no monte S. Gothard, na Suissa. Depois de receber o concurso de muitas vertentes, atravessa o lago de Cons-



Margens do Reno e ruínas feudais

tança, e passa por Schaffouse. É proximo d'esta cidade que se admira a magnifica queda d'agua da altura de 70 a 80 pés. O Reno só é navegavel entre Bâle e Strasbourg e é n'esta ultima cidade que toma o nome de Alto-Reno, e desde Cologne até ás praias de Hollanda, onde se perde e se denomina o Baixo-Reno.

Na Suissa e na Hollanda as margens do Reno não offerecem espectáculo extraordinario. O rio depois de ter passado por algumas cidades flo-

rescentes divide-se em dois ramos no ducado de Clèves. Um d'estes ramos perde o seu nome e toma o de Waal até Dordrecht, que muda de novo unindo-se com o Meuse, até que finalmente se perde no Oceano. O segundo ramo separa-se em dois; uma parte corre na direcção de Zuidzee e a outra toma o nome de Velho-Reno em Leyde e divide-se de novo em muitos ramos que se perdem nas praias.

A esquerda da gravura, vê-se os cimos d'uma

montanha representando as ruínas de castellos feudaes.

Por mais bellas e pittorescas que sejam as ruínas dos castellos, que ornarn as margens do Rheno, o viajante não pôde esquecer-se que foram outr'ora a séde da violencia e da tyrannia. O poder dos senhores, que os possuiram, tornou-se tão oppressivo que tendo-se reunido as populações de sessenta cidades, os atacaram nos seus castellos, destruindo lhos depois pelas chamas, e hoje as ruínas estão de tal modo confundidas com os fragmentos dos rochedos que é difficil distinguirem-se uns dos outros.

Lista dos prefixos e seu valor, importados da lingua latina e admittidos como radicaes de muitos termos da nossa.

OPINIÃO DE E. BARRAULT

(Continuado de pag. 359)

OBSERVAÇÕES GERAES

PREFIXOS *com* (*con*)

Encontram-se na lingua portugueza muitos termos em cuja composição entra esta radical, diversamente alterada, pelo que respeita á ultima consoante, que, ora se muda na mesma porque começa a componente a que se junta, como — *colligar*, *commodo*, *correspondente*; ora desaparece totalmente, como — *coadjutor*, *coexistir*, etc.

O prefixo *com* exprime reunião, cooperação, agregação, ajuntamento, quer muitos sujeitos façam uma acção juntamente ou em commum, quer a acção de um só agente se exerça sobre muitos objectos reunidos de um modo qualquer, pelo logar, pelo tempo, pelo pensamento, etc.

Pode até dizer-se que d'estas duas maneiras de attender á reunião expressa pela particula *com*, a ultima é a mais importante no ponto de vista da synonymya.

Pode acontecer que um só sujeito não actue senão sobre um só objecto sem que a particula *com* deixe de achar o seu logar diante do verbo; e então implica a ideia de que o objecto está considerado de todos os seus lados, em todas as suas partes; que a acção é completa ou complexa, ou antes suppõe no agente muito cuidado, muita exactidão, muito esforço, etc.

Nas palavras compostas, esta particula é pois sobre tudo collectiva, amplificativa ou intensiva.

O sentido fundamental e o mais frequente do prefixo *com* consiste em marcar a pluralidade, a multiplicidade, já no sujeito que actua, já no objecto da acção; é tambem o que é mais facil de reconhecer nas palavras compostas, e sobre o qual, por consequencia, insistiremos menos.

Em primeiro logar, a pluralidade se acha muitas vezes no sujeito, e a ideia acrescentada pela prepositiva *com* é então subjectiva, e o verbo composto encerra o sentido geral: estar ou vir juntamente, cooperar para o mesmo fim.

Em segundo logar, a ideia de pluralidade ou de multiplicidade se encontra mais vezes ainda no objecto, e então a ideia ampliada pela prepositiva *com* é puramente objectiva, e se exerce sobre duas ou mais cousas.

Pôde notar-se, o que em summa é muito natural, que, se o verbo a que se junta o prefixo *com* é intransitivo, a ideia de pluralidade expressa por este prefixo se acha geralmente no sujeito; e que, se o verbo é transitivo, a ideia de pluralidade se acha antes no objecto. Todavia ha alguns verbos que apresentam na sua significação, ora o primeiro ponto de vista, ora o segundo.

Observar-se-ha, alem d'isto, que um certo numero d'estes verbos não se limitam a marcar a reunião de certos objectos, mas implicam uma ideia accessoria de arranjo, de ordem, de disposição. A ideia contraria, isto é a de desordem, acha-se raras vezes nas palavras compostas de *com*, e é então o sentido da radical que a leva.

A propositiva *com* não se limita a marcar a pluralidade, a reunião de muitas pessoas ou de muitas cousas em um espaço determinado de tempo ou de logar; muitas vezes esta ideia de reunião exerce-se sobre qualquer outra cousa; pôde, por exemplo, consistir no accordo, na concordancia que existe entre os sentimentos ou pensamentos de duas ou mais pessoas; na homogeneidade, na harmonia, etc., de duas ou mais cousas.

Ha casos em que a acção do verbo a que se junta a particula *com*, em logar de estar em relação com uma ideia expressamente designada, concorda, coincide com uma cousa que está somente no nosso espirito, e que, segundo as circumstancias, é um voto, uma esperanza, um desejo, etc.; ou uma ideia geral, o bem, o justo, o conveniente, o util, etc.

Quando este prefixo se junta a radicaes de substantivos e tambem de verbos, serve de formar adjectivos ou algumas vezes substantivos que mostram participação á cousa expressa pela radical, commumidade 'nessa cousa.

Observar-se-ha que, em certos termos, *com* marca menos a participação, a commumidade sobre a base da egualdade, que o acompanhamento, a seguida, a dependencia de um sujeito principal ou de uma acção principal. O numero das palavras em que o prefixo *com* implica assim a ideia de uma circumstancia concomitante é por fim muito raro.

Em certas palavras nem marca multiplicidade, nem pluralidade, mas simplesmente *dualidade*. É porque *com* effeito este prefixo tem muitas vezes por função indicar que duas pessoas ou duas cousas se approximam uma da outra, que uma acção tem logar entre ellas, ou que são o objecto d'essa acção. O sentido é então completo pelas diversas ideias accessorias de comparação, de reciprocidade, de uma luta, de um combate de adversarios, etc.

Com os verbos que significam pensar, meditar, reflectir, a preposição *com*, quer tomada isoladamente nas formulas *com animo*, *com sigo*, quer como prefixo de um verbo composto, faz entender uma especie de *commercio* pelo qual meditamos, deliberamos com nosco, com o nosso espirito. A particula *com*, 'neste caso, marca pois um pensamento concentrado e intimo.

A ideia de multiplicidade ou de pluralidade de que já fallamos é susceptível de uma grandissima extensão: marca muitas vezes a união, a conexão, a cohesão, depois a ideia de encerrar em certos limites, de estreitar, restringir, comprimir e, finalmente, destruir e aniquilar.

Pode deduzir-se de tudo que fica dito que *comtende*, em qualquer circumstancia, a reforçar o sentido da palavra na composição da qual entra este prefixo. Ou o considerem como exprimindo a acção simultanea, *commum*, de muitos sujeitos, ou como exprimindo uma acção que se exerce sobre muitos objectos ou sobre todas as partes, sobre o todo ou a totalidade de um objecto, este prefixo contem sempre a ideia de uma acção multipla, complicada ou intensa.

ANTONIO MARIA D'ALMEIDA NETTO.

MARTYR DE AMOR!

XII

(Continuado de pag. 371)

Censuraram os hypocritas o empenho de Henriqueta, lastimaram os mais bondosos a dedicação da pobre menina, que não se assustava com uma união tão perigosa, e morderam-lhe os infames na reputação immaculada; mas a heroica salvadora, conscia do seu poder, e segura da efficacia da sua dedicação, entregou-se sem trepidar ao homem por ella regenerado, certa de que pela constante influencia da sua alma angelica consolidaria a sua maravilhosa cura.

Corôou Deus com o mais feliz exito a generosa abnegação de donzella, e Christovam, resurgindo á luz da consideração moral, compulsando os quilates da sua dignidade tantas vezes arriscada, mas nunca perdida nas rudes provações por que o seu genio extravagante o fez passar, beijou reconhecido a mão que lhe fôra guia na sua cegueira e se lhe offerecia agora, como penhor de alliança inquebrantavel e de reciproca dedicação.

A época das provações de outro genero começou para os dois, apoz o enlace em que ambos julgaram encontrar a sua completa felicidade; mas os dias de soffrimento, as privações e os caprichos de adversidade não fizeram senão acrisolar mais e mais a mutua affeição dos conjuges, que enlaçados em sacrosanta união se encontraram sempre fortes, valorosos e resignados para resistir aos baldões da sorte, para profiarem no empenho de seguir ávante no caminho que a virtude lhes indicara, como casal de pombos que alevanta simultaneo e cadenciado vôo por cima da queimada das urzes da charneca, que espanta em debandada os pardaes damninhos!

Desde então foi Christovam o modelo dos extremos e o espanto dos antigos conhecidos. Henriqueta podia estar orgulhosa da sua obra.

Aquelle genio porém, incansavel em espalhar os balsamos de affeição em torno de si, não afrouxara na sua santa missão, e comquanto os doces estimulos do amor só em Christovam se houvessem applicado, achou na caridade e na virtude motivo para que muitos homens ditos no mundo pode:sem ufanar-se de lhe dever a sua regeneração ou a sua felicidade, pelo conselho amigavel ou pela exhortação convincente.

Explicado fica o empenho da bondosa senho-

ra em assegurar a ventura do joven amigo de seu marido, e de proporcionar a da leviana menina, que os incensos lisongeiros da sociedade haviam pervertido; e explicada tambem fica a confiança que na sua omnipotente intervenção depositava.

Estudara os genios de Claudio e de Lucia, e do exame concluiu que ambos haviam sido tallados por Deus com instinctos bons, embora os corrompesse a educação, e que pelos reciprocos attrictos e mutua influencia poderiam garantir entre si a felicidade da vida; sondára toda a magnitude do affecto do moço aspirante, e perdoára-lhe os exageros ridiculos que não eram ingentos do seu caracter, mas feição postica da má direcção da sua juventude; analysará friamente o coração da sua amiga e adivinhára n'aquelle espirito futil de criança animada uma alma sensivel de mulher e um generoso coração de esposa.

Quando, no dia seguinte ao da recita da Sapho, Henriqueta foi visitar a sua amiga, encontrou-a expansiva e empenhada em confidenciar-lhe segredos intimos do sentimento. A imagem de Claudio povoára-lhe meigamente os sonhos e ao despertar sentiu-se propensa a generosa clemencia para as supplicas do namorado moço.

Felicitou-a por tão ditosa mudança a sua amiga e augurou-lhe ridente colheita de felicidades suaves, que só a affeição verdadeira sabe enceleirar nos corações.

O dia passou-se agradavelmente e á noite D. Henriqueta, regressando a casa, onde encontrou Claudio, em amigavel palestra com seu esposo, pôde communicar-lhe, sem transpor os limites de discripeção senhoril, felizes e alegradoras novas.

Não cabia em si de contente o pobre moço, e ao retirar-se beijou tres vezes de reconhecido a mão da virtuosa esposa do seu amigo, a que elle nos excessos de sua infantil alegria se não faltava de chamar — querida mãe e anjo protector.

Claudio não dormiu n'essa noite; tão opulento se achava de esperanza o seu coração! Mas que feliz insomnia aquella, que serve apenas para mais dilatar as ineffaveis delicias do antegoso!

Quantos planos de hyperbolica felicidade não formou aquella cabeça phantasiosa! Como se succediam no campo da visão intima as magicas miragens do risonho porvir! Que delirio de commoções! que atmospha de prazer.

Não foram eguaes para Lucia as horas d'aquella noite tão bem auspiciada.

Mal saíra Henriqueta, deixando após si o traço luminoso da sua benefica influencia no espirito da donzella, entrou a visital-a, uma outra senhora, que lhe usurpara tambem a denominação de amiga e que era a encarnação da inveja dentro de umas fórmas, que Deus em castigo fizera disformes e rachiticas. Se os anjos descaídos da divina graça symbolisavam os mais feios defeitos do genero humano, decerto que ao revestirem fórmas palpaveis na superficie da terra, caberia ao representante do sexto peccado capital o typo de D. Margarida.

A inexperiente menina, com o coração dilatado pelo doce convivio da affectuosa Henriqueta, desentranhou-se em confidencias para a recém-chegada, que as acolheu com esse olhar felino, e esse dilatar de narinas que é proprio dos animaes carniceiros.

As harpias comprazendo-se em pollular com a sua immunda presença as alegrias do repasto de Eneas ostentariam uma physionomia assim. Os olhos brilhavam-lhe com um luzir diabolico, os labios franziam se em desdenhoso sorriso.

— Ai! menina o que me diz! exclamava ella com melliflua accentuação! Sempre caiu, coitadinha. Eu sempre assim o previ! pobre inesperienza; que eu a fallar a verdade não sou lá muito mais velha e não deixo de ter muito quem me faça a corte... mas penso com mais siseudeza e vejo que os homens não valem a migalha de amor que lhe dedicamos! E então com quem? Com um creancola, que nem tem sequer o genio formado! que é preciso educal-o! Valha-te Deus, cabecinha! Eis ali em que foram parar as brilhantes theorias d'esse talento tão apregoado. Ha outros que não dão tanto na vista e que pensam melhor. Eu, e não é por me gabar, live sempre muita mais firmeza nos meus principios... e nunca senti uma fragilidade no coração... sempre indifferente e...

Tanto mechera e remechera a caridosa conselheira com a physionomia, com o corpo, com as mãos, com o indispensavel, que ao dizer louvores da sua isempção voltou este de modo que do seu mysterioso seio caíram simultaneamente tres cartas... de namoro!

A pudica virtude de D. Margarida fel-a córar até ás orelhas, mas a sua destreza em lances d'estes soube furtar ao distraido espirito de Lucia a attenção sobre este estupendo successo.

A baba pestifera estava lançada! O coração da menina, como a sensitiva que se retrai e emurchece quando a toca mão brutal, sentira confrangir-se e apertar-se no anel de ferro da sua antiga frieza. A benefica influencia do anjo do bem deixava apenas tenues vislumbres, ao pé d'aquelle diabolico acicate do riso escarnecedor de D. Margarida! O seio, que se expandia exhalando affectos, concentrou-se embebendo lagrimas; e de novo a duvida assentou a fria lapida sobre o seu coração, inscrevendo o epitaphio «talvez.»

D. Margarida saiu triumphante, affectuosa, prodiga em conselhos e em citações do exemplo do seu inabalavel proceder; e foi d'ahi conceder as entrevistas ajustadas com os seus tres admiradores, qual d'elles mais sordido, mais ridiculo e mais soez!

Mas a inveja triumphára.

Lucia dormiu agitada a noite e no dia seguinte, quando Claudio, procurando-a, esperava ir encontrar a generosa, expansiva e promettedora, encontrou-a fria, indifferente, como de costume, neutralisando na glacial recepção o olhar de esperança que lhe dera á saída do theatro.

Claudio ficou atonito.

(Continua)

c. b.

FLORILEGIO CLASSICO

Sancho II de Portugal

Perdidas as esperanças de recobrar o poder, Sancho preferiu o desterro a viver obscuro na patria debaixo do jugo de seu irmão, sorte que o papa lhe destinava com a barbara piedade. Escolhendo Toledo para residir, ali veiu a fallecer antes de passar um anno (janeiro de 1248) na mesma idade, approximadamente, em que Affonso II deixára de viver. Nos primeiros annos

do seu reinado tinha elle feito um testamento, no qual, seguindo o uso dos reis anteriores, ordenava a successão da Corôa. Agora, porém, esse diploma era inutil. Nos paços do Arcebispo de Toledo, onde o aguardava a hora fatal, dispoz dos poucos bens que lhe restavam; e é digno de reparo, que n'este acto solemne apenas se achassem presentes D. Gil Martins, fidalgo que não é facil dizer quem fosse, e quatro frades, dous dominicos, um dos quaes confessor do rei, e dous Franciscanos do Toledo. Nada mais restava da sua brilhante corte de cavalleiros ao pobre foragido, sendo sobre tudo notavel a ausencia de Martim Gil de Soverosa, que talvez o houvesse já abandonado. Cerrando os olhos longe da patria, Sancho volvia-os para ella com saudade, e pedia alguns palmos de terra no reino de que fôra senhor, para dormir o longo somno da morte junto das cinzas paternas. A verba, porém, do seu testamento pela qual se mandava sepultar em Alcobaça, não se cumpriu. Debalde pretenderam os monges que se lhe entregasse o cadaver do principe portuguez: debalde o ordenou o proprio Innocencio IV ao prelado toledano. Nem vivo, nem morto Sancho II devia tornar a transpor as fronteiras de Portugal.

A desgraça é expiação, e a expiação santifica o desgraçado. Não seremos nós que iremos assentar-nos sobre a lousa de um principe, que morreu na terra estrangeira, trahido, abandonado, cuberto de vilipendios e calumnias, para resumirmos n'um julgamento final quaesquer illações desvantojas, que ácerca d'elle se pudessem deduzir da historia do seu reinado. Punir com as provas na mão os seus hypocritas inimigos era um dever: era a compensação de quatro seculos de desprezo, contra o qual uma das mais nobres intelligencias, que Portugal tem gerado, (1) foi a primeira a protestar. Nós que na ordem dos tempos, como em tudo, estamos longe do illustre restaurador da historia patria, não fizemos senão colligir os materiaes, que devem completar a grande obra de justiça que elle encetára, por que, mais felizes, vivemos n'uma epocha em que a inteira verdade dos factos e a liberdade de pensamento é, emfim, respeitada. Chegados, porém, á conclusão d'este livro, pôr-lhe hemos remate com uma reflexão, que, em proveito da familia e da sociedade, nos parece deve ser meditada.

Affonso II, o leproso, buscando pretextos para espoliar suas irmans da herança paterna, preferira sobre as cinzas ainda quentes de Sancho I a expressão insultuosa de mentecapto. Seu filho e successor era despojado da corôa por um irmão, e os seus espoliadores, para annullarem as mercês e dadivas que fizera, declaravam-no insensato.

Verificava-se acaso no rei desterrado essa mysteriosa sentença bíblica, de que a punição de um pae criminoso vem muitas vezes recahir sobre seus filhos? Talvez; embora a sabedoria humana, que se crê mais profunda que a de Deus, sorria d'essa idéa, que lhe repugna, por que não sabe explicaal-a!

(Historia de Portugal, por A. Herculano. Livro V, pag. 419 a 421.)

(1) Frei Antonio Brandão.